

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2018

Direitos reservados para Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © 2012 by Alexandra Bracken  
Edição original publicada por Hyperion, uma chancela de Disney Book Group.  
Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem  
permissão por escrito do proprietário legal.

«THE DARKEST MINDS» film artwork © 2018  
Twentieth Century Fox Film Corporation.  
Todos os direitos reservados.

Título original: *The Darkest Minds*  
Autora: Alexandra Bracken  
Tradução: Ana Mendes Lopes  
Revisão: Ana Pereira/Editorial Presença  
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 441 646/18

1.ª edição, Lisboa, julho, 2018

## PRÓLOGO

QUANDO O RUÍDO BRANCO SURTIU, ESTÁVAMOS NO JARDIM A ARRANCAR ERVAS daninhas.

Sempre reagi muito mal a este ruído. Não fazia diferença se estava na rua, no refeitório, ou fechada na minha cabana. Quando surgia, os tons estridentes rebentavam como uma bomba dentro dos meus ouvidos. As outras raparigas de Thurmond conseguiam recompor-se alguns minutos depois, sacudiam a náusea e a desorientação como se fossem pedaços de erva que se haviam colado ao uniforme do Campo. Mas eu? Passavam-se horas sem que conseguisse estar bem outra vez.

Desta vez não devia ter sido diferente.

Mas foi.

Não vi o que aconteceu para dar origem ao castigo. Estávamos a trabalhar tão perto da vedação elétrica do Campo que conseguia cheirar perfeitamente o ar chamuscado e sentir a voltagem que ela disparou a vibrar-me ainda por entre os dentes. Talvez alguém tenha conseguido ganhar coragem e decidido sair dos limites do jardim. Ou talvez, já que é para sonhar, alguém tenha cumprido a fantasia de todos nós e atirado com uma pedra à cabeça do soldado das Forças Especiais Psi mais próximo. Teria valido a pena o castigo.

A única coisa que sei com certeza é que os altifalantes lá de cima emitiram dois avisos gritantes: um curto, o outro comprido. A pele da minha nuca arrepiou-se enquanto estava debruçada sobre o solo húmido; comprimi as mãos com força contra os ouvidos e retesei os ombros, para aguentar o embate.

O som que apareceu vindo dos altifalantes não era realmente ruído branco. Não era aquele zumbido estranho que por vezes o ar faz quando

estamos sentados sozinhos e em silêncio, não era sequer o sibilar monótono do monitor de um computador. Para o Governo dos Estados Unidos e o seu Ministério de Juventude Psi, aquele som era um cruzamento entre um alarme de um carro e uma broca de dentista, emitido suficientemente alto para nos provocar hemorragias nos ouvidos.

Literalmente.

O som saiu dos altifalantes e rasgou cada um dos nervos do meu corpo. Forçou o caminho por entre as minhas mãos, rugindo por cima dos gritos de centenas de adolescentes paranormais e instalou-se no centro do meu cérebro onde não o conseguia alcançar nem arrancar.

Os meus olhos inundaram-se de lágrimas. Tentei enfiar o rosto no chão, a única coisa que consegui saborear foi sangue e terra. Uma rapariga caiu para a frente mesmo ao meu lado, com a boca aberta num grito que não consegui ouvir. Tudo o resto se tornou numa massa desfocada.

O meu corpo sacudia-se ao ritmo das explosões de estática, enroscando-se sobre si próprio como uma velha e amarelada folha de papel. Senti as mãos de alguém a abanar-me os ombros; ouvi alguém dizer o meu nome, *Ruby*, mas já estava demasiado perdida para conseguir responder. Desci, desci, desci e afundei-me até não existir mais nada, como se a terra me tivesse engolido numa única e profunda inspiração. A seguir, a escuridão.

E o silêncio.

## UM

A GRACE SOMERFIELD FOI A PRIMEIRA A MORRER.

Pelo menos a primeira da minha turma do quarto ano. Tenho a certeza de que nessa altura já tinham morrido milhares, talvez até centenas de milhares, de crianças nas mesmas circunstâncias. As pessoas demoraram muito tempo a entender o que estava a acontecer ou, pelo menos, conseguiram arranjar uma maneira de nos manter desinformados até muito depois de as crianças começarem a morrer.

Quando as mortes se tornaram finalmente do conhecimento geral, a minha escola primária instaurou uma proibição muito rigorosa aos professores e ao restante pessoal para que não discutissem connosco sobre o que, na altura, se chamava Doença de Everhart, assim chamada em honra de Michael Everhart, o primeiro miúdo que se tem conhecimento que morreu dela. Pouco tempo depois alguém decidiu dar-lhe um nome mais adequado: Neurodegeneração Aguda Idiopática Adolescente — NAIA, para abreviar. Depois já não era só a doença do Michael. Era de todos nós.

Todos os adultos que conhecia escondiam tudo o que sabiam sobre esta doença por baixo de sorrisos mentirosos e abraços. Eu continuava presa no meu mundo composto por sol, pôneis e a minha coleção de carrinhos de corrida. Agora, quando penso naquele tempo, não consigo acreditar como fui ingénua, a quantidade de indícios que deixei escapar. Até em coisas importantes como quando o meu pai, que era polícia, começou a trabalhar mais horas e quando finalmente chegava a casa mal conseguia olhar para mim. A minha mãe pôs-me num regime de vitaminas rigoroso e recusava-se a deixar-me sozinha nem que fosse durante poucos minutos.

Por outro lado, os meus pais eram ambos filhos únicos. Eu não tinha nenhum primo morto para me fazer desconfiar de nada e a recusa da minha mãe em deixar que o meu pai instalasse «um vórtice açambarcador de almas e fonte de lixo e entretenimento sem propósito», aquilo que as outras pessoas normalmente chamam de televisão, significava que não havia noticiários assustadores a perturbar o meu mundo. Isto combinado com o controlo da Internet ao nível da CIA que os meus pais exerciam, acabou por permitir que me preocupasse mais com a disposição dos meus bonecos de peluche em cima da cama do que com a probabilidade de morrer antes de completar o meu décimo aniversário.

Também não estava minimamente preparada para o que aconteceu no dia quinze de setembro.

Na noite anterior tinha chovido, por isso os meus pais mandaram-me para a escola com umas galochas vermelhas calçadas. Na aula, falámos dos dinossauros e praticámos a caligrafia antes de a Sra. Port nos deixar ir almoçar com o seu habitual ar de alívio.

Lembro-me com a maior clareza de todos os detalhes do almoço daquele dia, não porque estava sentada na mesa mesmo em frente à Grace, mas porque ela foi a primeira e uma coisa destas não devia acontecer. Ela não era velha, como o avô tinha sido. Não tinha cancro, como a amiga da minha mãe, a Sara. Não sofria de alergias, não tinha tosse, não tinha nenhuma lesão na cabeça, nada. Quando a Grace morreu, a sua morte foi absolutamente repentina e nenhum de nós percebeu o que ela significava até ser demasiado tarde.

A Grace estava embrenhada numa acesa discussão sobre se havia uma mosca presa na sua gelatina. A massa vermelha estremecia enquanto ela agitava o copo de um lado para o outro e aproximava-se do rebordo quando o apertava com mais força. Naturalmente, todos queriam dar a sua opinião sobre se era uma mosca ou um pedaço de rebuçado que a própria Grace empurrara para o copo. Incluindo eu.

— Eu não sou mentirosa — disse a Grace. — Eu só...

E parou de falar. O copo de plástico escorregou-lhe dos dedos e bateu na mesa. Ficou de boca aberta e a fitar qualquer coisa para lá da minha cabeça. A Grace franziu a testa como se estivesse a ouvir alguém explicar uma coisa muito difícil.

— Grace? — Lembro-me de perguntar. — Estás bem?

Os olhos reviraram-se para trás e ficaram todos brancos no segundo em que as suas pálpebras começaram a fechar. A Grace deu um pequeno suspiro, que não foi sequer suficientemente forte para soprar os fios de cabelo castanho que tinha colados aos lábios.

Todos os que estávamos ali perto ficámos imóveis, embora o pensamento de cada um de nós tenha sido provavelmente o mesmo: ela desmaiou. Uma ou duas semanas antes, o Josh Preston tinha desmaiado no recreio porque, como a Sra. Port explicou, não tinha açúcar suficiente no corpo, ou qualquer coisa igualmente estúpida.

Uma ajudante do almoço apressou-se a vir à mesa. Era uma das quatro senhoras mais velhas de máscara branca e apito que rodavam entre o apoio ao almoço e ao recreio durante a semana. Não faço ideia se ela tinha alguma certificação médica, para lá de vagas noções de reanimação, mas mesmo assim puxou o corpo inerte da Grace para o chão.

Quando pressionou o ouvido contra a *T-shirt* cor-de-rosa da Grace para tentar ouvir um batimento cardíaco que já não estava lá, a senhora tinha um público atento. Não sei o que pensou a senhora, mas começou a gritar e subitamente as máscaras brancas e os rostos curiosos estavam à nossa volta. Só percebemos que a Grace estava morta quando o Ben Cho deu um toque com a sapatilha na sua mão inerte.

Os outros miúdos desataram a gritar. Uma das raparigas, a Tess, estava a chorar tanto que nem conseguia respirar. Pés pequenos começaram a correr em debandada em direção às portas do refeitório.

Eu fiquei ali sentada, rodeada por almoços abandonados, a olhar para o copo de gelatina e a deixar que o terror rastejasse sobre mim até sentir que os meus braços e pernas iam ficar eternamente colados à mesa. Se o segurança da escola não tivesse vindo buscar-me para me levar ao colo para a rua, não sei durante quanto tempo teria ali ficado.

*A Grace está morta, pensei. A Grace está morta? A Grace está morta.*

E depois piorou.

Um mês depois, após as primeiras grandes ondas de mortes, os Centros de Controlo de Doenças e Prevenção divulgaram uma lista de cinco passos com os sintomas, para ajudar os pais a identificar se os seus filhos estavam em risco de sofrer de NAIA. Nessa altura, já metade da minha turma tinha morrido.

A minha mãe escondeu tão bem a lista que só a encontrei por acidente, quando subi para a bancada da cozinha à procura do chocolate que normalmente guardava por trás dos ingredientes para os bolos.

«Como saber se o seu filho está em risco», dizia o panfleto. Reconheci o tom alaranjado da folha: era o recado que a Sra. Port enviara para casa dos poucos alunos que lhe restavam, há poucos dias. Tinha dobrado a folha duas vezes e agrafado os lados, para evitar que a pudéssemos ler. EXCLUSIVAMENTE PARA OS PAIS DA RUBY escreveu ela por fora com três riscos a sublinhar as palavras. Três sublinhados era um assunto sério. Se abrisse o recado, os meus pais pôr-me-iam de castigo.

Felizmente para mim, quando o encontrei já estava aberto.

- 1 — O seu filho fica soturno e melancólico, e/ou perde interesse nas atividades de que gostava anteriormente.
- 2 — Ele/ela começa a sentir uma dificuldade anormal em concentrar-se ou começa a concentrar-se demasiado nas tarefas, perdendo assim noção das horas e/ou negligenciando-se a si ou aos outros.
- 3 — Ele/ela experiencia alucinações, vômitos, enxaquecas crónicas, perda de memória, e/ou desmaios.
- 4 — Ele/ela demonstra tendência para explosões violentas, comportamento imprudente invulgar, ou procura magoar-se (queimaduras, nódoas negras e cortes sem explicação).
- 5 — Ele/ela desenvolve comportamentos ou capacidades que são inexplicáveis, perigosos, ou causam danos físicos aos pais ou a outros.

SE O SEU FILHO DEMONSTRAR ALGUM DESTES SINTOMAS, FAÇA O SEU REGISTO NO NAIA.GOV E ESPERE PELO CONTACTO PARA SABER A QUE HOSPITAL LOCAL DEVE DIRIGIR-SE.

Quando acabei de ler o folheto, dobrei-o novamente com todo o cuidado e coloquei-o no mesmíssimo sítio onde o encontrei; a seguir vomitei para o lava-loiça.

Mais tarde nessa semana, a minha avó ligou e explicou-me tudo naquela forma muito despachada que ela tem. Os miúdos que tinham mais ou menos a minha idade andavam a morrer a torto e a direito. Mas os médicos já estavam a tratar do assunto e não devia ter medo, porque eu era a *sua* neta e ia ficar ótima. Se sentisse alguma coisa estranha, devia ser uma boa menina e contar logo aos meus pais, *percebeste?*

As coisas escalaram de más a terríveis muito rapidamente. Uma semana depois de três das quatro crianças do meu bairro serem enterradas, o presidente dirigiu-se à nação. O meu pai e a minha mãe assistiram ao discurso em direto no computador, e eu ouvi atrás da porta do escritório.

«Meus compatriotas americanos» começou por dizer o presidente Gray, «enfrentamos hoje uma crise devastadora, que ameaça não apenas as vidas das nossas crianças, mas o próprio futuro da nossa grandiosa nação. Espero que vos possa reconfortar o facto de nesta hora difícil estarmos em Washington a desenvolver vários programas, tanto para apoiar as famílias afetadas por esta terrível aflição, como também as crianças que foram abençoadas o suficiente para continuarem a viver.»

Quem me dera ter visto o rosto dele enquanto dizia isto, porque acho que o presidente sabia, tinha de saber, que esta ameaça, este golpe no nosso futuro presumivelmente glorioso, não tinha nada a ver com as crianças que morreram. Enterradas no solo ou reduzidas a cinzas, elas não podiam fazer mais nada a não ser atormentar as memórias daqueles que as amavam. As crianças desapareceram. Para sempre.

E quanto àquela lista de sintomas, a mesma que a professora enviou para casa tão bem agrafada e que foi anunciada nas notícias centenas de vezes, à medida que os rostos dos mortos passavam em rodapé no ecrã? Eles nunca tiveram medo das crianças que podiam morrer, ou do vazio que deixariam para trás.

Eles tinham medo de nós, os que sobreviveram.

## DOIS

NÓ DIA EM QUE NOS TROUXERAM PARA THURMOND ESTAVA A CHOVER, continuou a chover sem parar durante essa semana e durante a semana seguinte. Era uma chuva gelada, daquela que seria neve se estivessem menos cinco graus. Lembro-me de ver os pingos a traçarem rios frenéticos pelo vidro da janela do autocarro da escola. Se estivesse em casa, no carro de um dos meus pais, teria seguido o seu percurso com a ponta dos dedos. Mas agora estava com as mãos atadas atrás das costas e os homens de uniformes pretos amontoaram-nos quatro em cada banco. Mal havia espaço para respirar.

O calor de cento e muitos corpos embaciava os vidros das janelas, cobrindo-os com uma camada protetora que nos impedia de ver o mundo lá fora. Depois, as janelas dos autocarros escolares amarelos brilhantes, que usavam para trazer os miúdos, foram pintadas com tinta preta. Quando me trouxeram ainda não tinham tido esta ideia.

Durante a viagem de cinco horas, vim no lugar mais próximo da janela e sempre que a chuva abrandava um pouco conseguia ter alguns vislumbres da paisagem fugidia. Tudo me parecia exatamente igual, quintas verdejantes, grandes extensões de árvores. Tanto quanto sabia, podíamos ainda estar na Virgínia. A rapariga que vinha sentada ao meu lado, e que mais tarde seria classificada como Azul, achou a certa altura reconhecer uma placa e debruçou-se sobre mim para ver melhor. O rosto dela era-me vagamente familiar, talvez a tivesse visto na minha cidade, ou na cidade vizinha. Julgo que todos os miúdos que vinham comigo eram de Virgínia, mas não tinha como saber, porque no autocarro havia apenas uma regra importantíssima: *Silêncio*.

Depois de me terem ido buscar a casa no dia anterior, colocaram-me juntamente com o resto dos miúdos numa espécie de armazém, para passarmos a noite. A sala era banhada por uma luz artificial; sentaram-nos muito alinhados no chão de betão sujo e apontaram três focos desta luz forte na nossa direção. Não tínhamos autorização para dormir. Os meus olhos lacrimejavam tanto com o pó que nem conseguia ver os rostos húmidos, frios e pálidos à minha volta, quanto mais os dos soldados que ficaram ali a noite toda a guardar-nos, para lá das luzes. De uma forma estranha, eles deixaram de ser pessoas inteiras, homens e mulheres normais. Na neblina acinzentada que a privação de sono lançou sobre mim, interiorizei-os através de minúsculos e aterrorizantes detalhes: o cheiro de gasolina da graxa das botas, o estalar do couro rígido, os esgares de nojo dos seus lábios. A ponta de uma bota a enterrar-se nas minhas costelas, obrigando-me a ficar acordada.

Na manhã seguinte, a viagem foi inteiramente feita em silêncio, à exceção dos rádios dos soldados e dos miúdos que choravam no fundo do autocarro. O miúdo que ia na outra extremidade do nosso banco fez chichi nas calças, mas nem sequer disse nada à FEP de cabelo ruivo que ia de pé ao lado dele. Quando se queixou que não tinha comido nada o dia todo, ela deu-lhe uma bofetada.

Finquei os pés descalços contra o chão, tentando manter as pernas quietas. A fome também estava a fazer com que me sentisse esquisita; de vez em quando sentia-me à beira do riso e esta sensação sobrepunha-se até às ondas de terror que me trespassavam. Tinha dificuldades em concentrar-me, mais ainda em ficar quieta; sentia que estava a definhar, a tentar afundar-me no banco e a desaparecer por completo. Depois de tanto tempo atadas na mesma posição, as minhas mãos estavam a começar a perder a sensação. Quando tentei esticar um pouco as tiras de plástico que eles usaram para nos atar, só consegui fazer com que me cortassem ainda mais profundamente a pele suave dos pulsos.

«Forças Especiais Psi», foi assim que o motorista do autocarro se apresentou, a si e aos outros que nos foram buscar ao armazém. «Agora vêm connosco sob a autoridade do comandante das Forças Especiais Psi, Joseph Taylor.» Quando disse isto levantou um papel no ar para o provar, por isso presumo que estivesse a dizer a verdade. De qualquer maneira, sempre me ensinaram a não discutir com os adultos.

O autocarro inclinou-se profundamente quando saiu da estrada estreita e começou a descer um caminho de terra ainda mais apertado. As novas vibrações acordaram aqueles que por sorte ou absoluta exaustão conseguiram adormecer. Também fizeram com que os uniformes pretos entrassem em ação. Os homens e as mulheres endireitaram-se e concentraram a sua atenção no vidro da frente.

A primeira coisa que vi foi a vedação gigantesca. O céu cinzento que escurecia envolvia todo o espaço numa luz azulada e melancólica, mas não era isso. A vedação brilhava como prata à medida que o vento passava por entre os espaços abertos. Mesmo por baixo da minha janela, dezenas de homens e mulheres de uniforme completo corriam ao lado do autocarro, escoltando-o. O FEP de serviço na cabina do portão fez continência ao motorista quando o autocarro passou.

A seguir, o autocarro parou com um solavanco e fomos obrigados a ficar imóveis como cadáveres enquanto o portão se fechava firmemente atrás de nós. As fechaduras ribombaram no silêncio como se fossem trovões. Não éramos os primeiros a chegar, esses chegaram um ano antes. Mas também não seríamos os últimos. Os últimos chegariam três anos depois, quando a taxa de ocupação do Campo chegasse ao seu limite máximo.

Seguiu-se um único instante de quietude, até que um soldado com um poncho impermeável preto bateu com força na porta do autocarro. O motorista estendeu o braço e puxou a alavanca, acabando assim com a esperança coletiva de que esta fosse apenas uma curta paragem no caminho.

Ele era um homem enorme, do tipo que se espera que faça de gigante maldoso num filme, ou um vilão de banda desenhada. Este FEP manteve sempre o capuz na cabeça, a tapar o rosto, o cabelo e tudo o que me permitisse reconhecê-lo mais tarde. Acho que não importava. Ele não estava a falar em seu nome. Estava a falar pelo Campo.

— Vão levantar-se e sair do autocarro de forma ordeira — gritou. O motorista tentou dar-lhe o microfone, mas ele afastou-o com uma palmada súbita. — Serão divididos em grupos de dez e, de seguida, serão levados para a zona de testes. Não tentem fugir. Não falem. Não façam absolutamente *nada* além daquilo que vos é pedido. O incumprimento destas instruções será sujeito a punições.

Com dez anos, eu era das mais novas do autocarro, mas certamente havia outros miúdos mais novos. A maior parte deles parecia ter doze ou treze anos. O ódio e a desconfiança que ardiam nos olhos do soldado podem ter-me esmagado a espinha, mas só conseguiram incentivar a rebelião nos miúdos mais velhos.

— Vai-te lixar! — Alguém gritou do fundo do autocarro.

Todos nos virámos em simultâneo, mesmo a tempo de ver a FEP de cabelo ruivo a lançar o punho da espingarda contra a boca de um rapaz. Quando a mulher lhe deu uma segunda coronhada, o rapaz soltou um grito de dor e surpresa e vi um débil jato de sangue a explodir da sua boca quando tentou, furioso, respirar novamente. Uma vez que estava com as mãos atadas atrás das costas, não tinha como se defender do ataque. Teve de o aguentar.

Começaram a tirar os miúdos do autocarro, em grupos de quatro consoante os bancos. Eu continuava a observar aquele rapaz e a forma como ele parecia encher o ar à sua volta com uma fúria silenciosa e tóxica. Não sei se me sentiu a olhar para ele, mas virou-se para mim e fitou-me. Assentiu com a cabeça, como se quisesse dar-me um sinal de encorajamento. E quando me sorriu, o sorriso apareceu por entre os dentes completamente ensanguentados. Senti-me a ser levantada e arrancada do lugar e quase sem me aperceber do que me estava a acontecer, dei por mim a escorregar pelos degraus molhados do autocarro e a cair no meio da chuva torrencial. Um FEP diferente levantou-me e guiou-me em direção a outras raparigas que aparentavam a minha idade. As roupas delas colavam-se-lhes ao corpo como uma pele velha, translúcida e encharcada.

Havia cerca de vinte FEP na rua, a rondar as curtas filas de miúdos. Os meus pés foram completamente engolidos pela lama e estava a tremer no pijama molhado, mas ninguém reparou ou veio cortar as tiras de plástico que nos amarravam as mãos. Ficámos ali à espera, em silêncio, a morder a língua. Olhei para as nuvens e virei o rosto para a chuva que caía copiosamente sobre nós. Parecia que o céu estava a desabar, pedaço por pedaço.

O último grupo de quatro estava a ser retirado do autocarro e deixado cair no chão, incluindo o rapaz com o rosto ensanguentado. Foi o último a sair, mesmo atrás da rapariga loura alta com um olhar inexpressivo. Mal os conseguia ver através da chuva grossa e das janelas embaciadas do autocarro, mas era capaz de jurar que quando a rapariga pôs o primeiro pé fora do autocarro, o rapaz se debruçou junto ao seu ouvido e disse qualquer coisa. Ela assentiu com um movimento rápido do queixo. Assim que os seus pés tocaram na lama, a rapariga desatou a correr para o lado direito, baixando-se para se desviar das mãos do FEP mais próximo. Um deles gritou um aterrorizante: «Para!», mas a rapariga continuou a correr em direção aos portões. Com todas as atenções viradas para ela, ninguém se lembrou de olhar para o rapaz que ainda estava no autocarro, ninguém a não ser eu. Desceu sorratamente os degraus, com a parte da frente da camisola de capuz branca manchada com o seu próprio sangue. A mesma FEP que lhe batera antes estava agora a ajudá-lo a descer, como tinha feito com o resto dos miúdos. Vi os seus dedos a fecharem-se em volta do cotovelo do rapaz e senti o eco da sua força na minha própria pele recentemente magoada; a seguir vi o rapaz virar-se para ela e dizer qualquer coisa, com uma expressão perfeitamente calma no rosto.

Vi a FEP largar-lhe o braço, tirar a arma do coldre e sem dizer uma palavra, sem pestanejar sequer, enfiou a arma na boca e puxou o gatilho.

Não sei se gritei em voz alta ou se o som estrangulado era a própria mulher a aperceber-se do que estava a fazer, dois segundos tarde de mais para o evitar. A imagem do rosto dela, com o maxilar pendurado, os olhos a saírem do crânio e a prega de pele subitamente solta, ficou cravada no ar como um negativo fotográfico muito para lá da explosão de nevoeiro cor-de-rosa composta pelo seu sangue e pedaços de cabelo que se colaram ao autocarro.

O miúdo ao meu lado caiu para o chão desmaiado e não havia uma única criança que não estivesse a gritar.

A FEP embateu no chão no preciso instante em que a rapariga foi derrubada para a lama. A chuva lavou o sangue da FEP das janelas e painéis amarelos do autocarro, esticando as linhas negras e arrastando-as até desaparecerem por completo. Foi tudo tão rápido.

O rapaz estava a olhar apenas para nós.

— *Corram!* — gritou por entre os dentes partidos. — Estão à espera de quê? *Corram, corram!*

E a primeira coisa que me passou pela cabeça não foi: *O que és tu?*, ou nem sequer: *Porquê?*

Mas: *Não tenho para onde ir.*

O pânico que ele causou foi tamanho que mais valia ter rebentado com o autocarro inteiro. Alguns miúdos deram-lhe ouvidos e tentaram fugir em direção à vedação, mas viram o caminho bloqueado por uma linha de soldados vestidos de preto que apareceram vindos do nada. Mas a maior parte deles ficou ali parada a gritar interminavelmente, com a chuva a cair à sua volta e a lama a enterrar-lhes os pés firmemente. Quando outro FEP se dirigiu ao rapaz, que ainda estava à entrada do autocarro, uma rapariga atirou-me para o chão com um encontrão. Os outros soldados gritavam-nos ordens para nos sentarmos no chão, para ficarmos onde estávamos. E eu fiz exatamente o que me diziam.

— *Laranja!* — ouvi um deles gritar para o seu *walkie-talkie*. — Temos um problema junto ao portão principal. Preciso de meios de controlo para um Laranja...

Só me atrevi a levantar os olhos depois de nos terem reunido novamente a todos e de imobilizarem o rapaz com o rosto ensanguentado no chão. Com um pavor imenso a inundar-me a espinha comecei a questionar-me se ele seria o único que conseguia fazer uma coisa daquelas. Ou se toda a gente à minha volta estava aqui porque era capaz de induzir os outros a fazerem mal a si mesmos.

*Eu não*, as palavras trespassaram-me o pensamento, *eu não, eles cometeram um erro, um erro...*

Observei com uma profunda sensação de vazio, que me atingiu no centro do peito, à medida que um dos soldados pegava numa lata de tinta em *spray* e pintava um enorme X cor de laranja nas costas do rapaz.

Ele só parara de gritar porque dois FEP lhe colocaram uma estranha máscara preta por cima da parte de baixo do rosto, como se estivessem a colocar o açaimo num cão.

A tensão acumulava-se na minha pele como minúsculas gotículas de suor. Levaram-nos em filas pelo Campo fora até chegarmos à enfermaria, onde seríamos separados. Enquanto caminhávamos, vimos miúdos a andar na direção oposta, vindos de uma fila de cabanas de madeira patéticas. Todos vestiam uniformes brancos com um X de várias cores nas costas e um número escrito a preto por cima. No total vi cinco cores diferentes: verde, azul, amarelo, cor de laranja e vermelho.

Os miúdos com X verdes e azuis podiam andar livremente, com as mãos soltas ao lado do corpo. Os que tinham X amarelos, cor de laranja ou vermelho tinham de se debater contra a lama com as mãos e pés presos em algemas de metal e uma corrente comprida que os ligava entre si. Os marcados com o símbolo cor de laranja tinham ainda as mesmas máscaras tipo açaimo sobre o rosto.

Fomos conduzidos apressadamente para um espaço com luzes brilhantes e ar seco que um pedaço de papel rasgado identificava como sendo a ENFERMARIA. Os médicos e enfermeiras alinhavam-se ao longo do corredor comprido, a observar-nos de sobrolho franzido enquanto abanavam a cabeça. O chão de xadrez ficou escorregadio com a água e a lama e tive de me socorrer de todo o meu poder de concentração para não escorregar. O meu nariz foi inundado com o cheiro do álcool e o aroma artificial de limão.

Subimos uma escadaria escura de betão que ficava nas traseiras do rés do chão, um por um. O espaço estava cheio de camas vazias e cortinas brancas caídas. *Cor de laranja não. Vermelho não.*

Sentia as minhas entranhas a revirarem-se profundamente. Não conseguia parar de ver o rosto daquela mulher instantes antes de ter puxado o gatilho, nem a massa de cabelo ensanguentado que aterrou perto dos meus pés. Não conseguia parar de ver o rosto da minha mãe quando me fechou na garagem. Não conseguia parar de ver o rosto da minha avó.

*Ela vem, pensava eu. Ela vem. Vai consertar a mãe e o pai e vem cá buscar-me. Ela vem, ela vem, ela vem...*

Uma vez no primeiro andar, cortaram finalmente as tiras de plástico que nos prendiam as mãos e voltaram a dividir-nos; mandaram metade para a extremidade direita do corredor gelado e metade para a esquerda. Ambos os lados pareciam exatamente iguais, não havia mais do que algumas portas fechadas e uma janela minúscula ao fundo. Por um instante, observei simplesmente a chuva a escorrer pelo vidro pequeno e embaciado da janela. Depois, a porta do lado esquerdo abriu-se com um

lamento baixinho e apareceu o rosto anafado de um homem de meia-idade. Olhou na nossa direção durante um segundo antes de murmurar qualquer coisa para o FEP que estava à frente do grupo. As portas começaram a abrir-se uma por uma e foram aparecendo mais adultos. Além das batas brancas, a única coisa que tinham em comum era a mesma expressão de desconfiança.

Sem uma única palavra de explicação, os FEP começaram a empurrar os miúdos em direção dos médicos e dos respetivos gabinetes. A explosão de sons perturbados e confusos que eclodiu das filas de crianças foi silenciada com uma buzina ensurdedora. Fiquei muito sossegada, a ver as portas a fecharem-se uma por uma e a questionar-me se voltaria a ver algum daqueles miúdos.

*O que é que se passa connosco?* Quando olhei por cima do ombro, a minha cabeça parecia estar cheia de areia molhada. O rapaz do rosto ensanguentado não estava aqui, mas a sua memória perseguiu-me por todo o Campo. Será que nos trouxeram aqui porque pensam que temos a Doença de Everhart? Será que acham que vamos morrer?

Como é que aquele rapaz conseguiu convencer a FEP a fazer o que fez? O que lhe disse ele?

Enquanto estava ali de pé senti uma mão a deslizar para dentro da minha. A mão tremia o suficiente para me magoar as articulações. A rapariga, a mesma que me tinha dado o encontrão e puxado para a lama lá fora, olhou-me com uma expressão feroz. O cabelo louro escuro estava colado à cabeça e emoldurava uma cicatriz cor-de-rosa entre o lábio superior e o nariz. Os olhos negros brilharam e quando falou vi que lhe tinham tirado os arames do aparelho dos dentes, mas que deixaram os apoios de metal colados aos dentes da frente.

— Não tenhas medo — murmurou ela. — Não deixes que eles o vejam.

A etiqueta escrita à mão no casaco dela dizia «SAMANTHA DAHL». Estava espetada por fora do casaco junto à nuca, como se tivesse sido colocada à pressa.

Estávamos lado a lado, suficientemente encostadas para os nossos dedos entrelaçados ficarem escondidos atrás do tecido do meu pijama e do casaco lilás de penas que ela tinha vestido. Tinham-na apanhado a caminho da escola na mesma manhã em que me foram buscar. Passou-se só um dia, mas lembro-me de ver os olhos dela a brilharem de ódio no fundo da carrinha onde nos fecharam. Ela não tinha gritado como os outros.

Os miúdos que desapareceram pelas portas reapareceram agora, com camisolas e calções cinzentos nas mãos. Em vez de voltarem para

as filas, foram encaminhados para o piso de baixo antes que alguém tivesse oportunidade de fazer uma pergunta ou de dizer uma palavra que fosse.

*Eles não parecem estar magoados.* Cheirava-me a tinta permanente e qualquer coisa que talvez fosse álcool etílico, mas ninguém vinha a sangrar ou a chorar.

Quando chegou a vez da rapariga ao meu lado, o FEP na frente da fila separou-nos com uma sacudidela brusca. Queria ir com ela e enfrentar o que quer que estivesse atrás daquela porta. Qualquer coisa seria melhor do que estar sozinha sem nada nem ninguém em que me apoiar.

As minhas mãos tremiam tanto que tive de cruzar os braços e agarrar nos cotovelos para as fazer parar. Fiquei na frente da fila, a olhar para o chão de xadrez brilhante entre as botas pretas do FEP e os meus dedos cheios de lama. Já estava extremamente cansada por causa da noite anterior em que não me deixaram dormir e o cheiro da graxa das botas do soldado fez com que a minha cabeça mergulhasse num nevoeiro ainda mais profundo.

Depois chamaram por mim.

Vi-me num consultório mal iluminado, com metade do tamanho do meu quarto em casa, que já era pequeno, mas não me lembro de ter lá entrado.

— Nome?

Estava a olhar para uma cama e para uma máquina estranha, semi-circular e acinzentada colocada por cima dela.

O rosto do homem de bata branca apareceu por trás do computador portátil que estava em cima da mesa. Era um homem de aspeto frágil, cujos óculos de armação prateada fina pareciam estar em sério risco de lhe caírem do nariz abaixo a cada movimento brusco que fazia. A voz era estranhamente aguda e as palavras eram mais guinchadas do que propriamente pronunciadas. Pressionei as costas contra a porta fechada, tentando colocar mais espaço entre mim, aquele estranho e a máquina.

O homem seguiu o meu olhar até à cama.

— É um *scanner*. Não é nada de que devas ter medo.

Não devo ter feito um ar muito convencido, porque ele continuou a explicar:

— Nunca partiste um osso, ou magoaste a cabeça? Sabes o que é uma tomografia computadorizada?

Foi a paciência que ouvi na sua voz que me fez dar um passo em frente. Abanei a cabeça.

— Daqui a um bocadinho vou pedir que te deites ali e vou usar aquela máquina para me certificar de que a tua cabeça está bem. Mas primeiro preciso de saber o teu nome.

*Para me certificar de que a tua cabeça está bem.* Como é que ele sabia...?

— *O teu nome?* — repete ele, num tom subitamente mais austero.

— Ruby — respondi e tive de soletrar o meu apelido.

Ele começou a escrever no portátil, momentaneamente distraído. Os meus olhos voltaram a concentrar-se na máquina, questionando-me quão doloroso seria deixar que me inspecionassem o interior da cabeça. Perguntei-me se ele teria alguma forma de ver o que fiz.

— Bolas, estão a ficar preguiçosos — resmungou ele, mais entre dentes do que para mim. — Eles não te pré-classificaram?

Não fazia a menor ideia do que me estava a perguntar.

— Quando te foram buscar, fizeram-te algumas perguntas? — perguntou, levantando-se. O consultório não era espaçoso. Dois passos e estava ao meu lado e eu entrei em pânico com dois simples batimentos cardíacos. — Os teus pais comunicaram alguns sintomas aos soldados?

— Sintomas? — consegui dizer. — Eu não tenho sintomas nenhuns, eu não tenho a...

Ele abanou a cabeça, mais com ar aborrecido do que qualquer outra coisa.

— Calma; aqui estás em segurança. Eu não te vou fazer mal. — O homem da bata branca continuou a falar, com uma voz inexpressiva e um brilho estranho nos olhos. Estas frases deviam ser ensaiadas.

— Existem muitos tipos de sintomas diferentes — explicou, debruçando-se para olhar para os meus olhos. A única coisa que conseguia ver eram os seus dentes da frente tortos e as olheiras negras que tinha à volta dos olhos. O hálito dele cheirava a café e a menta. — Existem muitos tipos de... crianças diferentes. Vou tirar uma fotografia ao teu cérebro e ela vai ajudar-nos a colocar-te junto das outras crianças iguais a ti.

Abanei a cabeça.

— Eu não tenho sintomas nenhuns! A minha avó vem aí, juro que vem, e ela vai dizer-lhe, por favor!

— Diz-me, querida, és boa a matemática e a fazer *puzzles*? Os Verdes são incrivelmente inteligentes e têm memórias espantosas.

O meu pensamento dirigiu-se instantaneamente para os miúdos que vi na rua e para as cores dos X que tinham nas camisolas. *Verde*, pensei. Quais eram as outras cores? *Vermelho, Azul, Amarelo e...*

E Laranja. Como o rapaz da boca ensanguentada.

— Muito bem — disse ele, inspirando profundamente —, deita-te de costas ali na cama e vamos começar. Agora, por favor.

Nem me mexi. Os pensamentos afluíam-me tão rapidamente à cabeça. Só olhar para ele era um esforço enorme.

— *Agora* — repetiu, avançando em direção à máquina. — Não me obrigues a chamar um dos soldados. Eles não são nem de longe nem de

perto tão simpáticos como eu, acredita. — Um ecrã no painel lateral ligou-se com um único toque e a máquina ganhou vida. No centro do círculo cinzento havia uma luz branca brilhante que piscava enquanto se preparava para mais um teste. Soltava ar quente e uns silvados que pareciam picar cada poro da minha pele.

A única coisa que conseguia pensar era: *Ele vai perceber. Ele vai descobrir o que lhes fiz.*

Estava novamente de costas contra a porta e a minha mão procurava desesperadamente a maçaneta. Todos os avisos que o meu pai alguma vez fizera sobre desconhecidos pareciam estar a tornar-se realidade. Este lugar não era seguro. Este homem não era bom.

Estava a tremer tanto que achei que podia desmaiar. Ou isso ou ele ia obrigar-me a deitar na cama e segurar-me lá enquanto a máquina baixava e se fechava sobre mim.

Antes não estava preparada para fugir, mas agora sim. Quando os meus dedos se enroscaram à volta do puxador da porta, senti a sua mão fechar-se sobre os meus cabelos desgrenhados e agarrar-me na nuca. O choque das mãos dele geladas na minha pele quente fez-me estremecer, mas foi a explosão de dor na base do crânio que me fez gritar.

Ele olhou para mim sem pestanejar, com os olhos subitamente desfocados. Mas eu conseguia ver tudo, via coisas impossíveis. As mãos a tamborilar no volante de um carro, uma mulher com um vestido preto a debruçar-se sobre mim para me dar um beijo, uma bola de basebol a voar mesmo na direção do meu rosto no campo em forma de diamante, uma enorme extensão de relva, uma mão a passar pelo cabelo de uma menina pequenina... as imagens passavam por trás dos meus olhos fechados como se fossem um filme caseiro antigo. As formas das pessoas e objetos cravaram-se nas minhas retinas e ficaram lá, a flutuar por trás das pálpebras como fantasmas esfomeados.

*Não são minhas,* gritou a minha mente. *Não me pertencem.*

Mas como podiam ser dele? Cada uma destas imagens era... uma memória? Um pensamento?

Depois vi mais. Um rapaz, a mesma máquina de exames que piscava e fumegava por cima dele. *Amarelo.* Senti os meus lábios formarem as palavras, como se tivesse lá estado naquela altura. Vi uma menina de cabelos ruivos numa sala muito parecida com esta; vi-a levantar um dedo e a mesa e o computador portátil ergueram-se alguns centímetros do chão. *Azul,* disse mais uma vez a voz do homem dentro da minha cabeça. Um rapaz a segurar um lápis entre as mãos, a observá-lo com uma intensidade assustadora, e o lápis irrompeu em chamas. *Vermelho.* Vi cartões com imagens e números esguídos em frente ao rosto de uma criança. *Verde.*

Fechei os olhos com força, mas não consegui afastar-me das imagens que vieram a seguir, as filas de monstros açaimados que marchavam. Eu estava de pé no alto, a olhar para baixo através de um vidro manchado pela chuva, mas vi as algemas e as correntes. Vi tudo.

*Eu não sou como eles. Por favor, por favor, por favor...*

Caí de joelhos, apoiando as mãos nos mosaicos enquanto tentava controlar-me para não vomitar no chão. A mão do homem da bata branca continuava a segurar-me na nuca.

— Eu sou Verde — soluzei, com as palavras meio abafadas pelo zumbindo da máquina. A luz já era brilhante antes, mas agora ainda conseguia amplificar o latejar por detrás dos meus olhos. Fitei os olhos vazios dele, incitando-o a acreditar em mim. — Eu sou Verde... por favor, *por favor...*

Mas o que vi foi o rosto da minha mãe, o sorriso que o rapaz com o rosto ensanguentado me dirigiu, como se tivesse reconhecido algo seu em mim. Eu sabia o que era.

— Verde...

Levantei os olhos ao ouvir a voz e flutuei de regresso a mim. Fitei-o, ele fitou-me também, com os olhos desfocados. Estava a murmurar qualquer coisa, como se estivesse a mastigar as palavras ou com a boca cheia de esponja.

— Eu sou...

— Verde — disse ele, abanando a cabeça. A voz soou mais forte. Quando se dirigiu à máquina para a desligar, eu ainda estava no chão e quando se sentou novamente à secretária fiquei tão chocada que até me esqueci de chorar. Mas só quando pegou numa lata de tinta verde e pintou um X enorme nas costas do meu uniforme e mo entregou é que me lembrei de que tinha de respirar.

Vai correr tudo bem, disse para mim mesma quando voltei para o corredor frio e desci as escadas até às mulheres e homens fardados que me esperavam lá em baixo. Só naquela noite, quando já estava deitada no meu beliche, sem conseguir dormir, é que percebi que tinha tido uma oportunidade única para fugir, e não a aproveitei.